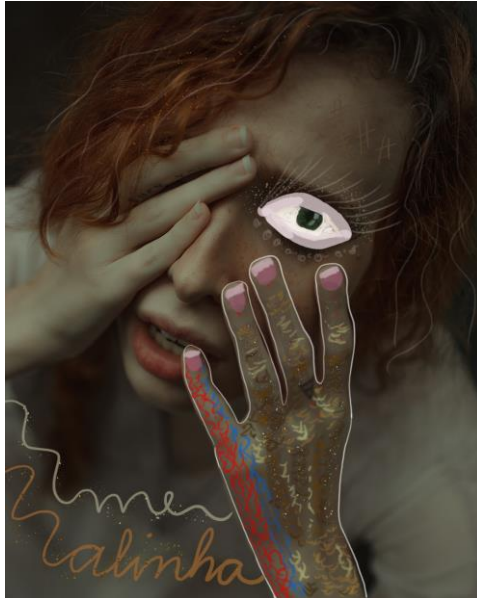


Cultura, o fio que nos une



Nos últimos meses, ao iniciar um texto, tento não falar da pandemia - tema, infelizmente, atual e presente em diferentes discursos, conversas e manifestações. Como costumo escrever sobre arte, cultura e comportamento, expressões propriamente sociais, implica, naturalmente falar do "contexto social", uma resultante dos acontecimentos dos sistemas que engendram os modos de vida e viver.

É sobre essa malha social, já desgastada, furada e desfiada, que toda a sociedade mundial se vê, dilacerada: deixando uma versão de nós para trás e reformando nossos projetos e o nosso "ser" (e estar). Uma sociedade que precisou (e precisa, principalmente nos territórios marginalizados) aprender práticas mais frequentes de higienização e contentar-se em abastecer-se de imagens, de textos e de vozes por meio das tecnologias de comunicação digitais.

Qual manifestação, senão a arte, para unir os pontos e realinhar essa trama?

Muita gente nega em dizer que as atividades culturais e artísticas são prioridade em suas vidas. E de frente a uma crise global que desencadeia uma problemática em cascata, de todas as ordens, acabamos, uns menos e outros mais, por descer os degraus da Pirâmide de Maslow, preocupando-nos, essencialmente, com a nossa sobrevivência.

PIRÂMIDE DE
MASLOW

Pirâmide das
Necessidades



Esse posicionamento negacionista e primordial com relação à importância da cultura para si, está relacionado a um entendimento reducionista do que é, propriamente, cultura. Discorrer sobre esse termo, é, ainda na contemporaneidade, complexo, pois é genérico, carregado de sentidos e que foi sendo recontextualizado ao longo da história, ao ser empregado em determinadas situações que se divergem, se complementam ou limitam o seu sentido.

Canclini (2007) e Laraia (1989) são dois autores referência que pesquisam sobre *cultura*, e concordam se tratar de um termo de percepção relativa e discernentes entre autores e as diversas áreas de estudo que os problematizam, como a Antropologia, a Sociologia, a Semiótica e a Comunicação.

Edward B. Tylor e outros autores, por exemplo, desenvolveram um conceito amplo que expressa uma visão antropológica:

todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Na obra *Culture: A critical review of concepts and definitions*, Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn encontraram, pelo menos, 167 definições diferentes para o termo "cultura".



Por ter sido fortemente associado ao conceito de *civilização* no século XVIII, a cultura, muitas vezes, se confunde com noções de "desenvolvimento", "educação", "bons costumes", "etiqueta" e "comportamentos de elite", entendimento comum, sobretudo, na França e na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, onde cultura se referia a um ideal de elite. Por isso, ainda, ser comumente usada para se referir a manifestações ou técnicas artísticas, associada à música erudita e, naturalmente, aos ballets da Europa.

O conflito gerado entre cultura e civilização, abriu espaço para se diferenciar dois tipos de manifestações, **a cultura erudita e a cultura popular**, termos (erudita x popular) que aparecem em complemento para identificar a origem e o caráter de um conjunto de expressões artísticas.

Clifford Geertz, insatisfeito com essa quantidade de definições, criou um conceito na tentativa de tomá-lo como algo definido. Segundo ele, cultura é:

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Para os objetivos desta viagem, (assim chamo essas produções de texto), vamos considerar "cultura" associada às manifestações artísticas em geral, de cultura erudita e cultura popular, sendo as artes cênicas, artes visuais, literatura, moda, artesanato, etc.

Cultura é pra quem pode! (Será?)

Convido você leitor, a refletir um pouco sobre como estão os seus hábitos e comportamentos nesse longo período de isolamento social. Pense, por exemplo:

1. O que, efetivamente, mudou na minha rotina?
2. Estou com meu corpo mais ativo, em atividade, ou mais passivo, acomodado?
3. Estou trabalhando mais ou menos horas?
4. O que tenho feito durante os intervalos do trabalho?
5. Assisto TV? Filmes? Séries?
6. Ouço rádio, música offline ou por streaming?
7. Tenho lido algum livro ou e-book, assistido shows online?
8. Tenho experimentado novas formas de fazer as coisas?
9. Tenho feito cursos ou me interessado a desenvolver um novo hobby?

Provavelmente, você perceberá que a arte e a cultura têm sido um alimento vital para mantermos em equilíbrio mental e físico dentro dos espaços



que agora frequentamos/permanecemos. Imagine-se, por exemplo, passar por todo esse processo de isolamento social, sem ouvir uma música? Como isso impactaria o nosso humor, nosso comportamento, nossos sentimentos e também nossos relacionamentos com as pessoas?

As tecnologias de comunicação digitais permitiram essa nova modalidade de fazer e consumir arte/cultura, ambiente ainda não tão explorado pela maioria das linguagens artísticas, principalmente as artes cênicas, ao presupor uma relação presencial dos atores/performers com o público/plateia reunidos em um espaço físico. O palco agora está também no digital, uma nova cena, com muitas limitações mas também com outras e novas possibilidades de criação/interação.

É uma distopia imaginar uma sociedade com as necessidades materiais realizadas, entretanto, sem pluralismo de valores, espiritualidade, senso estético, sem tradição e inovação, senso crítico, capacidade plena de criação e renovação do pensamento. - Alfredo Manevy (2010), então secretário executivo do MinC.

O [Netflix](#), serviço de streaming de conteúdo audiovisual, nesse período de isolamento social, superou o número de assinaturas esperado, assim como a plataforma de streaming de música [Spotify](#).

Esses dados nos confirmam o interesse das pessoas por esses formatos de consumo de cultura (audiovisual e música). Porém, a realidade do setor cultural no Brasil é bem diferente dessa estatística.

Por um fio

Em estudo feito pelo Ministério da Economia no Brasil, o setor cultural está sendo o mais afetado pela pandemia. Isso já era uma percepção da sociedade mas que foi confirmada por dados, ao comparar com outros 33 setores: a aviação ocupando o segundo lugar e o transporte ferroviário ocupando o terceiro. [Lista dos 34 setores mais atingidos pela crise](#)

A Lei de Emergência Cultural, conhecida como Lei Aldir Blanc, destinou recursos de 3 bilhões de reais para todo o país, no sentido de amenizar as dificuldades enfrentadas pelos agentes culturais que sobrevivem e dependem de políticas públicas para exercerem suas atividades profissionais. Por outro lado, é necessário desenvolver e criar uma demanda de consumo para as artes em geral, a partir das tecnologias digitais, processo que se acelerou para uma minoria mas que foi uma mudança/adaptação forçada



para a grande maioria. O desafio é imenso e exige inteligência, cooperação de todas as frentes – política, social, econômica e cultural.

A distribuição desses recursos para atender milhares de pessoas que integram a cadeia produtiva de cultura por toda a extensão do país, me faz lembrar da proposição do então ministro de cultura, Gilberto Gil - cantor, compositor, multi-instrumentista e produtor musical, quando, entre 2003 e 2008, criaram-se os *Pontos de Cultura através* do Programa Cultura Viva do Ministério de Cultura (MinC), voltada ao exercício da diversidade cultural e à gestão compartilhada entre poder público e sociedade civil.

Célio Turino, um dos assessores do MinC, na gestão de Gil, explica como eles entendiam o conceito de nação:

“De certo não é uma massa compacta e estática e muito menos um conjunto de estereótipos e tradições inventadas A Nação para qual olhamos precisa ser vista como um organismo vivo, pulsante, envolvido em contradições e que necessita ser constantemente energizado e equilibrado. Uma acupuntura social que vai direto ao ponto” (Turino, 2005.)

Gil associou os Pontos de Cultura a um “Do-in cultural”: ao injetar energia nesses pontos (recursos e ferramentas) responsáveis pela geração de fluxo de atividades e interações, construindo uma rede interconectada porém independente e com autonomia de criação e expressão:

(...) Para fazer uma espécie de “do-in” antropológico, massageando pontos vitais da Nação, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país. (Gil, 2003)

Outra fala que também elucida essa noção de “do-in cultural”, presente no discurso de Gil, um dia antes da abertura do primeiro edital dos Pontos de Cultura:

“Mais que um conjunto de obras físicas e equipamentos, ele envolve a potencialização das energias criadoras do povo brasileiro”. (Gil, 2004)

Infelizmente essa proposta tornou-se mais um ideal do que algo real. Sua implementação esbarrou na burocracia estatal além da dificuldade em dar continuidade ao projeto devido a alta rotatividade na coordenação federal e decisões de ministros de gestões posteriores que desmantelaram o projeto.

A Lei Aldir Blanc apareceu para atender um grito de socorro da classe artística e dos profissionais que participam dessa cadeia produtiva, que anseia pela garantia dos direitos básicos. A esperança é a distribuição justa, transparente e ágil desses recursos para suprir e energizar, dessa vez, não somente pontos de cultura, mas corpos que respiram, têm fome e clamam por dignidade, respeito e valorização.



Tecer o fio que nos une

A atualidade, como percebemos, nos exige uma postura resiliente e empática; momento que desperta toda a humanidade para novos aprendizados, hábitos e reflexões. Que possamos, diante de tantos estímulos e incertezas, ter a sabedoria de preencher nossos vazios com conteúdos de qualidade, capazes de desfazer os nós da angústia, do medo, da tristeza, da solidão... que participemos também dessa tessitura de afetos (e também alfinetadas) unidos por essa busca comum de socializar, criar, compartilhar, ser... e estar...

Referências

[Sobre a "distopia" em imaginar um mundo "sem arte", 2010](#)

[Conceito antropológico de cultura.](#)

[Cultura como sinônimo de civilização](#)

[Do-in cultural](#)

